

AMYR KLINK

CEM DIAS ENTRE CÉU E MAR

18ª reimpressão



Copyright © 1985, 1995 by Amyr Klink

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Jeff Fisher

Revisão

Valquíria Della Pozza

Agnaldo Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Klink, Amyr, 1955-

Cem dias entre céu e mar / Amyr Klink. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2005.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-0642-4

1. Atlântico, Oceano — Descrição e viagens 2. Klink, Amyr,
1955- 3. Viagens marítimas — I. Título.

05-2172

CDD-910.45

Índice para catálogo sistemático:

I. Viagens marítimas : Narrativas de viagem 910.45

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

*A meus pais, por tantas travessias
que vivemos juntos*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
se a alma não é pequena.
Quem quiere passar além do Bojador
tem que passar além da dor:
Deus, ao mar o perigo e o abysmo deu
mas nelle é que espalhou o céu.*

FERNANDO PESSOA

SUMÁRIO

Querer 9

1. Partir 13
2. O cais da espera 18
3. Estranhos caminhos até Lüderitz 25
4. Uma foca solitária 34
5. Um montinho de ossos na costa dos esqueletos 43
6. O caminho certo 49
7. Sete dias de tempestade 58
8. Um sonho que se apaga 66
9. Companheiros ilustres 74
10. Um dia voltar 85
11. A Adega Luar 91
12. Remando com as asas 103
13. O tubarão amarelo 114
14. A creche das baleias 124
15. A Praia da Espera 135

Glossário de termos náuticos 153

Bibliografia 156

Sobre o autor 159

QUERER

Rosa era o seu nome e — como a mulher dos meus sonhos, aquela de quem nunca saberei todos os segredos e para quem sempre terei uma história nova — era misteriosa, elegante, cheia de enigmas. Suas linhas perfeitas escondiam-lhe muito bem a idade. Muito se contava a seu respeito. Grandes aventuras, viagens perigosas. Todos na ilha a conheciam.

Não resisti, e fui ter com ela. E, desde a hora em que deitei os olhos em suas doces curvas, não descansei mais até que fosse minha. Pertencia a um velho pescador, e não foi fácil fazê-lo entender essa súbita paixão.

Rosa IX, linda e encantadora canoa de nobre madeira, o caubi, nove metros talhados de uma única tora, linhas perfeitas, traço fino, estilo apurado, um verdadeiro caso de amor. Foi no Natal de 1977, na ilha de Santo Amaro, e, fechado o negócio, eu nem pensara em como levá-la até Paraty. Fomos juntos, por mar, e vivi então a minha primeira travessia, a sós, por dois dias e uma noite.

Não mudei o seu nome quando fui registrá-la porque creio que todo barco adquire uma certa personalidade com o nome de batismo, especialmente uma canoa. Eu já sofria de uma crônica atração por canoas. A primeira que tive foi Max, uma pequenininha, azul e branca, feita de cedro, que comprei aos dez anos de um pescador chamado Iraci. Ele não queria vendê-la, mas tanto insisti que acabou aceitando os setenta cruzeiros que me emprestou um tio.

Canoa marinheira, rápida e graciosa, só mais tarde vim a saber que Max havia sido feita pelas competentes mãos de Mané Santos, um dos mestres construtores mais respeitados de toda a baía da ilha Grande. Max seria a primeira de uma longa série de paixões que guardo até hoje, em perfeito estado de conservação; nela aprendi a reconhecer os ricos detalhes de uma arte em extinção: a construção artesanal de embarcações primitivas. Comecei a entender os variados tipos de embarcações em função principalmente dos traços e diferenças culturais de cada região, e fiz uma mara-

vilhosa descoberta: o Brasil é no mundo o país mais rico em diversidade de estilos, feitos e técnicas de construção naval primitiva — pelo menos duas centenas de diferentes tipos de embarcações de formas belíssimas, dezenas de tipos de jangadas, canoas com características próprias e fascinantes em cada pedacinho de costa, em cada trecho de rio. Tradições orais que seguem de pai para filho, transportando pelo tempo as mais ricas influências. Um patrimônio cultural de incalculável valor, autêntico e desconhecido, que se transforma e desaparece pouco a pouco. Verdadeiras esculturas flutuantes, pescando ou levando carga por essa costa afora, viageiras incansáveis, valendo só pelo que podem servir e não, ainda não, pelo que são — obras de arte ainda vivas.

A Fáisca era uma delas — escultural canoinha que resolvi dotar de velas. Descobri então que a arte do manejo dessas embarcações também morre. Quantas emborcadas dei, em rondadas de vento, até descobrir de quantos panos eram feitas suas velas originais. Quanta alegria quando, ao aportar em prainhas distantes, na baía de Paraty, ressuscitava em velhos pescadores recordações sobre grandes travessias a remos de voga, fabulosas histórias de velas enfunadas por sopros misteriosos em noites de calmaria! Aprendi a reconhecer as madeiras para cada tipo de canoa, para cada fim; remos, vergas, mastros ou bolinas. E não deixava de admirar, pela alma, uma nobre canoa...

A Rosa era de nobre alma. Um corte com talvez cem anos de idade, sem um único defeito, lbe dera origem. Um velho caubi, madeira rara e eterna, mas que exige marinheiros atentos, pois não gosta de flutuar. Se não foi meu primeiro amor, foi a maior canoa que tive. Sincera. Sabia dizer não. Como num dia de pouco juízo, quando eu quis embarcar um casal de búfalos, para um amigo, até Ilha Grande, quarenta milhas ao norte.

No caminho fiz escala na prainha do Jurumirim, depois de perfeita travessia; mas uma semana mais tarde, ao tornar a partir com os animais empanturrados de capim novo, ela refugou. A carga quieta a bordo, com algumas arrobas a mais, e ela achou por bem não desencilhar. Sem dúvida, fomos salvos pela Rosa.

A partir de 1980, em razão de um acidente, fiquei por dois anos sem poder remar. A Rosa tornou-se então uma companheira constante nos fins de semana. Tinha ela, ainda não contei, um pequeno e esforça-

do motor. Fizemos muitas viagens fantásticas durante esse tempo, passando por apuros que ficaram para sempre em “nossa” memória.

Dias inteiros de calmaria, noites de ardentia, dedos no leme e olhos no horizonte, descobri a alegria de transformar distâncias em tempo. Um tempo em que aprendi a entender as coisas do mar, a conversar com as grandes ondas e não discutir com o mau tempo. A transformar o medo em respeito, o respeito em confiança. Descobri como é bom chegar quando se tem paciência. E para se chegar, onde quer que seja, aprendi que não é preciso dominar a força, mas a razão. É preciso, antes de mais nada, querer.

1. PARTIR

O RANGER DO VELHO CAÇA-MINAS de madeira contra o cais me roubou o sono. O movimento de proas e mastros dos pesqueiros atracados lado a lado produzia uma estranha música de ruídos e estalos que hipnotizava os ouvidos. Embora uma fina névoa descansasse sobre as águas silenciosas do porto, e não houvesse um pingo de vento, o balançar dos barcos anunciava que fora da baía o mar estava agitado e as grandes ondas do sul tinham voltado.

Impossível dormir nessa primeira noite a bordo; com a luzinha da cabine acesa, e uma lanterna na mão, procurava pôr ordem na infinidade de sacolas que ainda aguardavam um endereço certo no meu minúsculo compartimento de bagunças. Vesti mais uma blusa — fazia frio — e, soltando um pouco o cabo da âncora e as amarras que me ligavam ao barquinho do capitão do porto, encostei no cais principal, a poucos metros apenas. Por entre as sombras dos vagões aí estacionados surgiram dois vultos:

“Amyr!” Eram Gunther e Marion, encapotados, que vieram me acordar. “Amyr, o escritório da Aduana está abrindo! Os papéis!...”

“Bom dia”, respondi.

E com passaporte, diário e livros de bordo debaixo do braço subi os degraus gelados da escadinha de ferro e fomos atrás da única luz acesa no porto. O oficial da Imigração, especialmente arrancado da cama para a ocasião, e com cara de quem não estava muito acostumado a madrugar, colou as estampilhas, carimbou e finalmente assinou os meus papéis. E assim, às seis horas do dia 10 de junho de 1984, uma gelada manhã de domingo, eu estava oficialmente autorizado a deixar o porto de Lüderitz, na Namíbia (antiga África do Sudoeste), com destino ao Brasil, remando.

Tenso, andando em direção ao cais, senti que aqueles seriam

os meus últimos passos em terra firme. O cheiro de porto no escuro, a areia quente sob os pés, os vagões enferrujados, o barulho de vozes humanas — quando novamente? Não sabia, e tampouco importava naquele momento. Estava nervoso, impaciente, desesperado para ir embora. A saída fora autorizada, a partir de Dias Point, e para lá seria rebocado por um veleiro, o *Storm Vogel*. Na ponta do cais já estavam todos esperando: Helena com as crianças, a querida Anne Marie e os inesquecíveis amigos de Lüderitz com caras amassadas de sono e alguns olhos molhados. Tinha um enorme nó na garganta, e simplesmente não pude me despedir de ninguém: a voz não saía. Pulei no barco e, antes que me afastasse, Helena atirou uma chuva de flores:

“É para Iemanjá! Faça uma linda viagem, Amyr!”

Gunther, talvez o único entre aquelas pessoas maravilhosas que não traía uma ponta de nervosismo, não parava quieto e berrava:

“Cuide-se direito! Não deixe que te peguem! Queremos visitá-lo em Paraty!”

De um veleiro antigo, de casco negro e que eu mal podia enxergar no escuro, ouvi um anônimo:

“Boa sorte, homem!”

Agradei em silêncio. Aos poucos o cais foi diminuindo, fundindo-se com os contornos áridos das dunas que cercam a cidade. Passamos a última boia de indicação do porto, com sua luzinha vermelha e o eterno bater do sino que orienta os pesqueiros perdidos na neblina. O dia começou a nascer, envolto em uma neblina baixa que fazia as altas dunas do deserto parecerem nuvens sobre o horizonte.

Focas e golfinhos surgiram brincando em torno do barco e, ao dobrar Dias Point e Halifax Island, onde vive uma simpática colônia de pinguins, o mar subitamente mudou. O vento forte e as ondas formadas anunciavam o limite das águas abrigadas da baía de Lüderitz, o oceano livre pela frente. Do potente farol-apito, junto à cruz de Dias — que nas noites de tempestade e nos dias de neblina, tão frequentes nessa estranha costa, orienta a entrada dos navios —, ouvi pela última vez a África: uma série de longos e distantes apitos, a saudação da torre que aos poucos desaparecia,

um continente que já não mais avistava, mas que ainda podia ouvir... Adeus, África!

Começou, então, a despedida da tripulação do *Storm Vogel*. Catastrófica despedida. Eu havia esquecido meu casaco vermelho e uma máquina fotográfica no veleiro, antes de deixar o porto, e pedi aos berros, por causa do vento que não parava de aumentar, que me passassem o material. Com o mar cada vez mais agitado, uma aproximação tornava-se tarefa delicada. Atirei um cabo, para auxiliar a manobra, mas ao ser puxado por barlavento desci uma onda em velocidade e entrei com o bico de proa no costado do veleiro, abrindo um pequeno rombo. Ficaram todos apavorados com o choque, e mais ainda com o furo no casco, e então tentaram passar em rumo oposto ao meu.

Não sabia exatamente o que fazer; as ondas começavam a preocupar, mas era certo que eles estavam com excesso de pano para aquele vento. Só então percebi que eram completamente inexperientes e não entendiam nada de vela.

Com o veleiro adernado pelo vento, sem ângulo de visão e em grande velocidade, o comandante errou a manobra e veio exatamente em cima de mim. Proa com proa, um choque tremendo, pensei que fosse afundar. Todas as coisas soltas dentro do barco voaram, e a antena de rádio, instalada do lado de fora, partiu-se ao meio e caiu na água. Junto, foi um bobina para comunicados a curta distância, em 40 metros, que ganhei do Gerd (formidável radioamador de Lüderitz) e que serviria para lhe mandar notícias nos primeiros dias.

Estava apavorado. O *cockpit* cheio de água, as ondas arrebatando, um frio tremendo, e a antena principal perdida. Meu Deus, que começo! Descontrolada com a força do vento, com velas panejando e escotas voando, a tripulação resolveu mudar de tática e, agora com o vento a favor, avançou de novo em minha direção. Fiquei histérico, não queria mais o casaco nem coisa alguma. Queria que fossem embora, aquilo estava perigoso demais! Faltaavam só capa e lança para parecer um duelo — a capa, aliás, estava com eles — e vieram dessa vez em sentido contrário, com todas as velas cheias, levantando espuma pela proa. Berrando como louco, implorei que se afastassem. Inútil.